

Olhares irônicos: Machado de Assis e o esporte

Ironic views: Machado de Assis and sports

Victor Andrade de Melo

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro / Brasil

victor.a.melo@uol.com.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir os olhares sobre o esporte lançados por um dos mais importantes literatos brasileiros e da língua portuguesa: Machado de Assis. Ainda que tenha sido também utilizado como fonte um de seus romances (*Dom Casmurro*), para alcance deste intuito foram usadas, majoritariamente, suas crônicas publicadas nos periódicos do Rio de Janeiro da 2ª metade do século XIX. Levou-se em conta que se trata de um gênero literário marcado pela ambiência urbana, por seu imediatismo, pela forte relação com o cotidiano e com a dinâmica da capital brasileira à época. Ao final, o estudo conclui que nos posicionamentos do autor sobre as práticas esportivas percebem-se seu impulso de pensar a relação entre parâmetros culturais distintos, bem como sua tendência de abordar com certo distanciamento as novidades que chegavam do continente europeu.

Palavras-chave: Machado de Assis; literatura; história do esporte.

Abstract: This article aims to discuss some of the views on sports held by one of the most renown Brazilian writers across the Lusophone world: Machado de Assis. Although his novel *Dom casmurro* has been used as reference, the main sources for this article were the chronicles he published in Rio de Janeiro's newspapers along the late nineteenth century. Such chronicles may be regarded as a literary genre defined by the urban atmosphere – its immediacy and interrelation with daily life are

directly linked to the dynamics of the Brazilian capital of yore. We finally concluded that Assis's positions on sports practice reflect his impulse to establish relations between different cultural parameters, as well as his tendency to regard the news arriving from Europe with some distancing.

Keywords: Machado de Assis; literature; sport history.

Recebido em: 30 de julho de 2016.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.

Introdução

O ano era 1894. O assunto central, o pleito eleitoral. A preocupação, a desmotivação dos eleitores. A solução apontada: “dar às eleições um aspecto acentuadamente esportivo”.¹ Ao sugerir tal alternativa, o costumeiramente irônico Machado de Assis tinha em conta uma notícia sobre o grande interesse pela prática que havia no Rio de Janeiro naquele *fin de siècle*:

A princípio não pude raciocinar. A certeza de que dois terços da nossa população é esportiva, deixou-me assombrado e estúpido. Voltando a mim, fiquei humilhado. Pois quê! Dois terços da população é esportiva, e eu não sou esportivo! Mas que sou então neste mundo?²

A sua aparente surpresa, na verdade, tratava-se mais de uma estratégia narrativa – enfatizar uma situação de forma burlesca – do que efetivamente de falta de atenção ao que vinha acontecendo no cotidiano da capital do país. Desde os anos 1810,³ o esporte vinha se conformando como uma prática de entretenimento apreciada por uma parcela da população cada vez maior, gente de diversos perfis sociais. Naquela década final do século, já eram conhecidas modalidades como o remo, o turfe, o ciclismo, as corridas a pé, o críquete, a natação, bem

¹ GAZETA de Notícias, 15 jul. 1894, p. 1.

² GAZETA de Notícias, 15 jul. 1894, p. 1.

³ MELO. Antes do *club*: as primeiras experiências esportivas na capital do Império (1825-1851).

como outras no momento também consideradas esportivas (como as touradas e a patinação).⁴

O “Bruxo do Cosme Velho”, epíteto pelo qual Machado se tornou conhecido no século XX, já vinha prestando atenção ao esporte em meio a suas observações sobre as mudanças em curso na sociedade fluminense no decorrer da segunda metade do século XIX. Notadamente nas suas crônicas publicadas nos jornais, mas também em alguns romances, não poucas vezes com apurada ironia, o literato teceu suas considerações sobre a novidade que na cidade desembarcava.

Neste artigo, interessa-me discutir esses olhares sobre o esporte lançados por Machado de Assis. Trata-se de historicizar a fonte literária. Tratá-la como uma importante representação de uma ocorrência histórica. Para tal, assumo os desafios de compreender o produzido no âmbito da trajetória do autor e de sua interlocução com a sociedade do seu tempo, o que significa também prospectar suas opções narrativas e estilísticas.⁵

No caso de interesse aqui, deve-se ter em conta a peculiaridade das crônicas – o principal material utilizado neste estudo. Trata-se de um gênero literário marcado pela ambiência urbana, por seu imediatismo, pela forte relação com o cotidiano e a dinâmica do Rio de Janeiro do século XIX.⁶ Nessa produção, que mormente era veiculada pelos jornais, em muitas ocasiões no pé da primeira página, nas seções inspiradas no folhetim francês,⁷ jornalistas-literatos promoviam suas críticas ao que viam na cidade, inclusive sua apreensão e desconfiança com a adesão – por vezes mais anunciada do que implementada – à ideia de progresso.⁸ Ao mesmo tempo, alguns não escondiam seu fascínio frente à nova dinâmica social, a uma sociedade que se tornara mais pública, inclusive em função de um mercado que se gestara ao redor dos entretenimentos.

A obra de Machado de Assis é característica desse tipo de postura, mas possui importantes peculiaridades. Se, de um lado, era crítico a algumas hipocrisias sociais e ao exagerado afã por aderir ao conjunto de mudanças – a seu ver um processo sempre limitado em função das

⁴ MELO. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil.

⁵ CHALHOUB; PEREIRA. *A história contada*.

⁶ RESENDE. *Cronistas do Rio*.

⁷ MEYER. *Folhetim – uma história*.

⁸ NEVES. História da crônica. Crônica da História.

especificidades locais, que exigiam esforços de releitura do que vinha do exterior –, de outro, jamais o fez de forma refratária ou panfletária.⁹

O literato, um dos mais importantes do Brasil e da língua portuguesa, já mereceu muitos ensaios, entre os quais alguns da lavra de renomados intelectuais, como Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, John Gledson, Silviano Santiago, Afrânio Coutinho. Foge às intenções deste estudo promover um debate mais aprofundado com tais autores. Parece-me mais interessante apresentar meu ponto de vista a partir do diálogo com tão relevantes aportes.

Neste artigo, terei em conta que Machado esgrimiou uma posição crítica sobre a sociedade fluminense de seu tempo, construindo uma representação nem celebratória nem detratória, um olhar inquieto que se aproximava do que era sentido por muitos que viviam aquele cotidiano em mudança. Seus posicionamentos têm uma certa coerência interna, expressão de um modo de ser e portar-se naquele mundo em transformação.

Na verdade, ao “fotografar” algo do “espírito do tempo”, não surpreende que, no século XIX, muitos cronistas tenham prestado atenção ao esporte, a nova prática que encantava a tantos, discursivamente mobilizada como indicador de avanço civilizacional, uma expressão do processo de transição social, inclusive das ambiguidades que o marcavam.¹⁰ Deve-se ter em conta que esses olhares privilegiados não somente “traduziram” a prática para um público ampliado. Ao construir suas representações, também forjaram sentidos e significados, ajudaram a consolidar a presença social do esporte, até mesmo por apresentar divergências com os discursos de alguns agentes do campo esportivo.

Vamos aos olhares do “Bruxo”. Ele que se dizia tão pouco esportivo, como terá enxergado o fenômeno? Uma ressalva se faz necessária. Como esporte considerarei aquilo que assim era usualmente denominado no período em que Machado de Assis produziu sua obra.

⁹ MORSE. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina.

¹⁰ MELO. História, literatura e esporte: representações do remo e do turfe nas crônicas brasileiras do século XIX / Décadas iniciais do século XX; MELO. “Temos apaixonados para o mar e para a terra”: representações do esporte nos folhetins (Rio de Janeiro; 1851-1855).

Assim sendo, além de modalidades como o remo e o turfe, terei em conta suas considerações sobre práticas como as touradas e a patinação.

Novidades no cenário social

Dom Casmurro é tido como um dos romances-chave, ao menos um dos mais conhecidos, de Machado de Assis. Lançado nos momentos finais do século XIX, já foi republicado diversas vezes, integra a lista de leitura obrigatória das escolas brasileiras, inspirou programas televisivos e filmes, pertence ao imaginário nacional. O que em geral passou pouco percebido aos que analisaram o conflito central entre Bentinho, Escobar e Capitu é um dos aspectos que marcam a passagem dramática da morte do segundo:

Era um escravo da casa de Sancha que me chamava: – Para ir lá... sinhô nadando, sinhô morrendo [...]. Em caminho, fui adivinhando a verdade. Escobar meteu-se a nadar, como usava fazer, arriscou-se um pouco mais fora que de costume, apesar do mar bravio, foi enrolado e morreu. As canoas que acudiram mal puderam trazer-lhe o cadáver.¹¹

No dia anterior, na casa de Escobar e Sancha, na Praia do Flamengo, Bentinho já se surpreendera com a disposição do amigo.

– O mar amanhã está de desafiar a gente, disse-me a voz de Escobar, ao pé de mim.

– Você entra no mar amanhã?

– Tenho entrado com mares maiores, muito maiores. Você não imagina o que é um bom mar em hora bravia. É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões disse ele batendo no peito, e estes braços; apalpa.¹²

Uma sensação constrangedora acometera Bentinho: “achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar”.¹³ Em casa, ao ver uma fotografia do amigo, aumentara o incômodo.

¹¹ MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*, cap. CXXI.

¹² MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*, cap. CXVIII.

¹³ MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*, cap. CXVIII.

Como sugere Melo: “Entre tantas leituras possíveis, podemos ver na obra um embate entre modelos de performance masculina. A postura de Escobar se adéqua a um conjunto hegemônico de compreensões sobre os papéis sociais masculinos”.¹⁴ Bentinho, entretanto, conforme analisa Byington, é “[f]raco desde o início, [...] é uma vergonha como homem. É o oposto da masculinidade integrada, da hombridade, da virilidade, da criatividade. A masculinidade dele é insultuosa”.¹⁵

O hábito de nadar, uma novidade naquele Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX,¹⁶ é registrado por Machado para conformar a representação de Escobar – másculo, empreendedor, corajoso, burguês –, um novo personagem que se apresentava na cena social.¹⁷ Esse perfil masculino também foi delineado quando o literato dedicou atenção a um dos esportes mais celebrados naquela centúria, modalidade sob a qual pairavam poucas dúvidas, considerada que era um sinal de avanço civilizacional – o remo.¹⁸

Como outros cronistas, Machado ressaltou o apreço dos britânicos pela modalidade (“Diga-se o que quiser dos Ingleses, mas confesse-se que nesta predileção pela regata e outros divertimentos do mesmo gênero mostram eles que Deus também os dotou da bossa do bom gosto. Honra àqueles graves insulares!”),¹⁹ bem como exaltou a natureza da prática (“Vejam se não excita a fibra ver quatro escaleres rasgando com as quilhas cortadoras o seio de um mar calmo e azul, e os remeiros, com o estímulo e o entusiasmo nos olhos, empregando toda a perícia, a ver quem primeiro chega ao termo da carreira, que é a terra da promessa!”).²⁰

¹⁴ MELO. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do século XIX (anos 1850-1890), p. 301.

¹⁵ BYINGTON. *Dom Casmurro* no divã: um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana, p. 25.

¹⁶ MELO. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do século XIX (anos 1850-1890).

¹⁷ MELO. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884).

¹⁸ MELO. Antes do *club*: as primeiras experiências esportivas na capital do Império (1825-1851); MELO. Entre a elite e o povo: o *sport* no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857).

¹⁹ DIÁRIO do Rio de Janeiro, 1 nov. 1861, p. 1.

²⁰ DIÁRIO do Rio de Janeiro, 1 nov. 1861, p. 1.

Se o remo era eminentemente masculino, Machado também se debruçou sobre outra novidade na qual as mulheres participavam de maneira mais ativa, a patinação, que chegou ao Rio de Janeiro na década de 1870, rapidamente integrando a vida social da cidade.²¹ “Dize-me se patinas, dir-te-ei quem és. Tal será dentro de pouco tempo o mote da suprema elegância”:²² Assis percebeu que a prática atendia ao afã que havia pela busca de novas excitações públicas, algo que – ainda que com peculiaridades – envolvia diversos estratos sociais, grupos diferenciados.

Machado chegou a conclamar as mulheres a se envolverem mais amiúde com a patinação: “Noto que, por ora, o belo sexo é avaro das suas graças na patinação. Salvo algumas meninas de cinco a onze anos, creio que nenhuma dama, ou rara, desceu à arena. Pois era o meio de lhe comunicar um pouco mais de elegância e correção”.²³ Na verdade, o literato percebia e em certo sentido saudava esse novo protagonismo feminino, no qual as atividades de entretenimento ocupavam importante espaço como agente motivador.²⁴

O Bruxo comparou o “grau civilizacional” da patinação com o do turfe. Para ele, a modalidade dos cavalos somente lograva popularidade em função do seu caráter de jogo de apostas, aproveitando que o fluminense seria uma “variedade do gênero humano [...] educada especialmente entre a loteria e as sortes de São João”.²⁵ Na patinação, era o desafio dos indivíduos, e não dos animais, que atraía o público. Em diferentes sentidos, a *performance* corporal era o mais envolvente.

De toda forma, como usual em sua obra, não deixou de ironizar alguns hábitos que cercavam a patinação: “não sei porque não se há de introduzir a *poule* na patinação. É um travozinho de pimenta. Apostase no vestido azul e no chapéu de escumilha, e perde o último que chegar ou o primeiro que cair. Será mais um campo de rivalidade entre os vestidos e os chapéus...”²⁶ Estava atento o literato às novas exigências de vestuário, algo que, em certos aspectos, lhe pareceu exagerado.

²¹ MELO. Saudável e *fashionable*: a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1878-1892).

²² O CRUZEIRO, 7 jul. 1878, p. 1.

²³ O CRUZEIRO, 11 ago. 1878, p. 1.

²⁴ MELO. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910).

²⁵ O CRUZEIRO, 7 jul. 1878, p. 1.

²⁶ O CRUZEIRO, 7 jul. 1878, p. 1.

De fato, com o turfe, esporte mais presente em sua obra, Machado manifestou mais claramente suas implicâncias. O motivo declarado para tal era sua pouca afeição aos cavalos (“Eu não gosto do cavalo. Não gosto? Detesto-o; acho-o o mais intolerável dos quadrúpedes. É um fátuo, é um pérfido, é um animal corruto. [...] É um elegante perverso, um tratante bem-educado; nada mais”),²⁷ ao revés de sua admiração pelos burros (“Que mansidão! Que filantropia! Esse puxa a carroça que nos traz água, faz andar a nora, e muitas vezes o genro, carrega fruta, carvão e hortaliças, – puxa o bonde, coisas todas úteis e necessárias”).²⁸

Em muitas crônicas, o literato estabeleceu esse contraponto entre os dois animais. Não me parece equivocado supor que nesse aspecto, uma vez mais, metaforicamente demonstrava algumas de suas filiações particulares, sua discreta simpatia pelos populares e irritação com alguns arranjos das elites. Isso ajuda a entender a constante crítica ao turfe, manifesta na forma de ironias diversas, como veremos a seguir.

Machado de Assis, enfim, ao lançar seu olhar para aquela sociedade em mudança, na qual a vida pública se tornava expoente, percebeu o melhor delineamento de um mercado ao redor dos entretenimentos do qual o esporte fazia parte: “Nada direi das corridas de domingo, para não cair na repetição. A vida fluminense compõe-se agora de óperas, corridas, patinação e pleito eleitoral; é um perpétuo bailado dos espíritos”.²⁹ Seu olhar não foi de pleno entusiasmo, tampouco complacente. Farpas fizeram parte de suas representações das novas práticas.

Ironias

As principais ironias de Machado de Assis ao esporte se relacionaram àquelas práticas nas quais animais eram utilizados. Como disse certa feita, “Eu sou sócio (sentimentalmente falando) de todas as sociedades protetoras dos animais. O primeiro homem que se lembrou de criar uma sociedade protetora dos animais lavrou um grande tento em favor da humanidade”.³⁰ Nessas ocasiões, aproveitou para tecer críticas à hipocrisia que, a seu ver, marcava certos setores da sociedade fluminense.

²⁷ ILUSTRAÇÃO Brasileira, 15 ago. 1876, p. 3.

²⁸ ILUSTRAÇÃO Brasileira, 15 ago. 1876, p. 3.

²⁹ O CRUZEIRO, 4 ago. 1878, p. 2.

³⁰ ILUSTRAÇÃO Brasileira, 15 mar. 1877, p. 1.

Na *Ilustração Brasileira* de 15 de março de 1877, assim comentou as touradas realizadas no fim de semana anterior, evento ao qual, de fato, nunca compareceu:

O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.

Não sei se já disse alguma vez que prefiro comer o boi a vê-lo na praça.

Não sou homem de touradas; e se é preciso dizer tudo, detesto-as. Um amigo costuma dizer-me:

– Mas já as viste?

– Nunca!

– E julgas do que nunca viste?

Respondo a este amigo, lógico mas inadvertido, que eu não preciso ver a guerra para detestá-la, que nunca fui ao xilindró, e todavia não o estimo. Há coisas que se prejudgam, e as touradas estão nesse caso.³¹

Machado comentou a primeira atividade organizada pelo Clube Tauromáquico, uma associação de amadores.³² O evento filantrópico, que mobilizou bastante a cidade, foi promovido em benefício das vítimas de uma inundação em Portugal e de uma instituição de caridade do Rio de Janeiro. Pareceu-lhe suspeita essa ligação entre tourada e caridade. A seu ver, havia na iniciativa certa incoerência civilizacional. Para enfatizar tal desconfiança, utilizou uma anedota:

Conversava eu há dias com um amigo, grande amator de touradas, e homem de espírito, *s'il en fut*.

– Não imagines que são touradas como as de Espanha. As de Espanha são bárbaras, cruéis. Estas não têm nada disso.

– E entretanto...

– Assim, por exemplo, nas corridas de Espanha é uso matar o touro... Nesta não se mata o touro; irrita-se, ataca-se, esquiva-se, mas não se mata...

³¹ ILUSTRAÇÃO Brasileira, 15 mar. 1877, p. 1.

³² MELO. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884).

– Ah! Na Espanha, mata-se?

– Mata-se... E isso é que é bonito! Isso é que é comoção!...

Entenderam a chave da anedota? No fundo de cada amator de tourada inocente, há um amator de tourada espanhola. Começa-se por gostar de ver irritar o touro, e acaba-se gostando de o ver matar.³³

Ao identificar o recrudescimento da promoção de corridas de touros na cidade,³⁴ Machado criticava a idolatria aos toureiros e a qualidade do espetáculo, traçando paralelos entre a prática e a política nacional, sugerindo que na Câmara de Deputados “os touros são mais bravos, os capinhas mais fortes”.³⁵ Também em outras ocasiões estabeleceu comparações entre política e esporte. A seu ver, o sistema eleitoral era “uma cópia das corridas de cavalos. Correm primeiramente todos os cavalos; a última corrida é a dos vencedores das primeiras. Há, como no Jôquei Clube, um prêmio, que não é relógio, nem bolsa, mas uma cadeira na câmara”.³⁶

De forma alguma isso era um elogio às corridas de cavalos. Ao contestar as touradas, Machado se alinhava com outras lideranças intelectuais que criticavam antigos costumes e preconizavam a busca de “atitudes mais civilizadas”. Esses, em geral, todavia, elegiam o turfe como exemplo de prática que expressava uma tendência de modernização.³⁷ Já o literato, mesmo que considerasse os páreos de bucéfalos mais justos e menos lesivos aos animais, não se mostrava tão entusiasmado.

Certa feita, afirmou: “Eu sou obrigado a confessar que também lá não ponho os pés, em primeiro lugar porque os tenho moídos, em segundo lugar porque não gosto de ver correr cavalos nem touros. Eu gosto de ver correr o tempo e as coisas; só isso”.³⁸ O frenesi urbano tão bem dramatizado pelos espetáculos públicos, que tinha como uma das

³³ ILUSTRAÇÃO Brasileira, 15 mar. 1877, p. 1.

³⁴ MELO. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884).

³⁵ ILUSTRAÇÃO Brasileira, 1 jan. 1877, p. 1.

³⁶ SEMANA Ilustrada, 1 set. 1872, p. 2.

³⁷ MELO. “Pois temos touros?”: as touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1840-1852); MELO. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884).

³⁸ ILUSTRAÇÃO Brasileira, 15 ago. 1876, p. 3.

marcas uma nova noção de velocidade, causava alguns incômodos em Machado, os mesmos que o levaram a contestar a instituição do bonde elétrico. Ao progresso, assistia com ponderação e mesmo certa repulsa.³⁹

As ironias ao turfe por vezes tinham em conta as divisões socioeconômicas em vigor. Um exemplo é a crônica publicada na *Gazeta de Notícias* de 4 de novembro de 1894, na qual comentou a punição de alguns jôqueis por supostas irregularidades cometidas (entre as quais, correr sem ânimo, atrapalhar outro concorrente, chicotear com demasiada força um animal). Para Machado, ao responsabilizarem-se os mais fracos, escondia-se os verdadeiros responsáveis pelos problemas, os ricos donos de cavalos, aqueles que desfilavam pelos hipódromos com suas belas vestimentas:⁴⁰

Quinhentos mil-réis de multa! Pelas asas do Pégaso!
Devem ser ricos, esses funcionários. Três e seis meses
de suspensão! Como sustentarão agora as famílias, se
as têm, ou a si mesmos, que também comem? Não irão
empregar-se na Intendência Municipal, onde a demora
dos ordenados faz presumir que os jôqueis do expediente
andam suspensos por ações semelhantes. Não hão de ir
puxar carroça. Vocaçãõ teatral não creio que possuam. Se
são ricos, bem; mas, então, por que é que não fundaram,
há dois ou três anos, uma sociedade bancária, ou de outra
espécie, onde podiam agora atrapalhar a marcha dos
outros cavalos, esporear as éguas alheias, e, em caso de
necessidade, correr sem ânimo de ganhar a partida? Este
último ponto não seria comum, antes raríssimo; mas basta
que fosse possível. Nem é outra a regra cristã que manda
perder a terra para ganhar o céu. Sem contar que não
haveria suspensões nem multas.⁴¹

Vejamõs que, ao criticar a decisão, o literato jogou mais farpas na política (a referência à Intendência Municipal, que demorava a pagar os ordenados) e nos mais ricos (envolvidos com as *trampas* do sistema financeiro).

³⁹ Ver a crônica “Consequências do progresso”, publicada na *Gazeta de Notícias*, 23 out. 1892, p. 2.

⁴⁰ MELO. Amador ou profissional? Um debate primordial no campo esportivo.

⁴¹ GAZETA de Notícias, 4 nov. 1894, p. 1.

Ainda em outras ocasiões, Machado dedicou sua atenção aos jôqueis. Parecia-lhe curioso que embora fosse um personagem tão importante, de fato recebesse tão pouca consideração, uma metáfora do que socialmente se observava no que tange aos mais populares (estrato social do qual faz parte grande parte dos condutores de cavalos, que a seu ver estavam mais próximos e guardavam similaridades com o papel desempenhado pelos burros). Sobre um acidente fatal que houve num páreo, assim observou:

De fato, o cavalo dele ia correndo; mas, pouco a pouco, vi que o animal, não se sentindo governado, afrouxava, até que de todo parou. Nisto entraram dois homens no circo, tomaram do jôquei imóvel, cujas pernas e braços caíam sem vida, e levaram o cadáver para fora. Não lhe rezei por alma, unicamente por não saber o nome da pessoa. Não veio no obituário, nem os jornais deram notícia do desastre. Perder assim a vida e a corrida, obscuro e desprezado, é por demais duro.⁴²

Em mais de um ensejo, o literato teceu considerações sobre episódios de trapaça observados no âmbito do turfe. A crônica publicada na *Gazeta de Notícias* de 2 de abril de 1893 foi dedicada a comentar os “atos de corrupção”, de suborno dos jôqueis, nos quais trocavam acusações os clubes e *bookmakers* (as casas de apostas). Para ele, esses acontecimentos explicitavam os limites dos discursos dos que defendiam as corridas de cavalos, sendo, na verdade, uma expressão de outras falcatruas que havia na sociedade fluminense.

O seu incômodo com as apostas extravasava para outras práticas.⁴³ Não lhe parecia adequado o grande gosto pelos “jogos de sorte” que grassava no Rio de Janeiro, algo incentivado pelas próprias agências governamentais que, de forma ambígua, em algumas ocasiões os estimulava (por meio de loterias e da própria especulação financeira), na mesma medida em que os tentava controlar em certas esferas, especialmente nas mais populares.⁴⁴

A ausência de apostas, de outro lado, nem sempre era suficiente para reduzir a sua desconfiança com certas práticas corporais. Em

⁴² GAZETA de Notícias, 15 jul. 1894, p. 3.

⁴³ GAZETA de Notícias, 14 jan. 1894, p. 2.

⁴⁴ MELO. *Cidade sportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro.

março de 1895, citou a iniciativa de se organizar, no ano seguinte, os Jogos Olímpicos em Atenas. Bem-humorado, mostrou-se surpreendido com o fato de a arqueologia ter sido utilizada para “ressuscitar coisas mortas”.⁴⁵ Observou que “não há lá burros nem cavalos; há só homens e homens. Corridas a pé, luta corporal, exercícios ginásticos, corridas náuticas, natação, jogos atléticos, tudo o que possa esfalfar um homem sem nenhuma vantagem dos espectadores, porque não há apostas”.⁴⁶ Todavia, mesmo reconhecendo esse aspecto positivo, declarou torcer para que o evento não chegasse à América, uma vez mais declarando o seu amor a seu animal predileto: “Fiquemos com os burros e suas prendas”.⁴⁷

A sua ironia ao evento de novo se manifestou quando, em 1896, dois empresários organizaram no Rio de Janeiro um misto de espetáculo e competição no qual se recriava jogos “de tempos gregos, romanos, medievais e modernos, que formar[iam] assim uma imagem cabal da civilização *sportiva*”⁴⁸ – algo que diferia das modalidades que já existiam na ocasião e que Machado fez questão de enumerar (entre as quais, corridas de bicicletas que pouco apareceram nas suas crônicas). O literato não escondeu sua posição: “Se se tratasse de puro e simples divertimento, não creio que fosse obra completa: seria, pelo menos, mui pouco interessante”.⁴⁹

Se lembrarmos do já citado embate entre Bentinho e Escobar, é possível sugerir que o literato estivesse nesse aspecto mais próximo do primeiro. Todavia, na verdade, a despeito de suas críticas, Machado reconhecia certa legitimidade nas práticas esportivas, inclusive naquelas que utilizavam animais, mesmo nas touradas.

Chegou a refutar alguns argumentos civilizatórios esgrimidos pelos que criticavam o seu aspecto bárbaro. Ao tecer esses comentários, deixou transparecer a natureza de suas costumeiras posições – “Já daqui estou a ver franzidas as sobrelhas liberais do leitor, não mais liberais do que as minhas, que o são, e de bom cabelo; mas enfim, pode-se ser liberal e justo. Uma coisa implica a outra”.⁵⁰

⁴⁵ GAZETA de Notícias, 17 mar. 1895, p. 1.

⁴⁶ GAZETA de Notícias, 17 mar. 1895, p. 1.

⁴⁷ GAZETA de Notícias, 17 mar. 1895, p. 1.

⁴⁸ GAZETA de Notícias, 29 mar. 1896, p. 3.

⁴⁹ GAZETA de Notícias, 29 mar. 1896, p. 3.

⁵⁰ O CRUZEIRO, 16 jun. 1878, p. 1.

Nessas ocasiões, o literato também ironizou certas hipocrisias. Para ele, não havia dúvidas de que o desenvolvimento da arte, dos prazeres ditos intelectuais era fundamental. Ponderava, entretanto, que outros prazeres deveriam ser considerados legítimos, inclusive por serem sinal de que se ampliava a dinâmica social:

as línguas e os costumes modificam-se com as instituições. Num regime menos exclusivo, essencialmente democrático, a arte teve de vulgarizar-se: é a subdivisão da moeda de Licurgo. Cada um possui com que beber um trago. Daí vem que farpear um touro ou esculpir o Moisés é o mesmo fato intelectual: só difere a matéria e o instrumento.⁵¹

O “Bruxo do Cosme Velho” encarava mesmo as touradas como uma espécie de teatro, considerando seus personagens como atores. Não as apreciava, estava sempre a ironizá-las, mas as entendia no âmbito mais amplo de uma sociedade em mudança. Mais ainda, tinha em conta a própria dinâmica da prática, comparando-a ao turfe:

Uma sociedade, assim, precisa de um forte abalo muscular, precisa de repousar os olhos num espetáculo higiênico, deleitoso e instrutivo. Nem vejo motivo para que adotado o cavalo no Prado Fluminense, não se adote o boi em qualquer outro sítio. O boi não é tão épico nem tão elegante como o cavalo; mas tem outras qualidades próprias. Nem se trata do merecimento intrínseco dos dois quadrúpedes; trata-se da graça relativa dos dois divertimentos; e, a tal respeito, força é dizer que de um lado, o cavalo pleiteia com o cavalo, ao passo que de outro, o boi luta com o homem, – a força com a destreza, a inteligência com o instinto.⁵²

Machado de Assis era, sim, muito crítico; obtuso e refratário, jamais.

⁵¹ O CRUZEIRO, 16 jun. 1878, p. 1.

⁵² O CRUZEIRO, 21 jul. 1878, p. 1.

Conclusão

Uma das marcas da obra de Machado de Assis, mais notável nos seus romances mas também em suas crônicas, foi a busca por desenvolver um projeto literário peculiar da língua portuguesa. Conhecedor dos estilos que na Europa se sistematizaram, inclusive do naturalismo/realismo, sem os rechaçar por completo, o literato perspectivou uma apreensão que tivesse em conta as especificidades locais.⁵³ Não se tratava de uma postura retrógrada, mas sim de uma expectativa de que fosse possível produzir algo que não se rendesse linearmente a modelos exógenos, a modas literárias, e que incorporasse e expressasse melhor as peculiaridades de cada sociedade.

Esse impulso de pensar a relação entre parâmetros culturais distintos, bem como sua característica de abordar sem fascínio e com certo distanciamento as novidades que chegavam ao Rio de Janeiro do século XIX, percebem-se nos olhares que lançou para as práticas esportivas.

O literato identificou e em alguma medida até concordou que a conformação de algumas modalidades era uma tentativa de sintonizar a cidade com um novo padrão civilizacional, sendo de toda forma uma expressão da nova excitabilidade pública que marcava a capital brasileira na segunda metade do século XIX. De outro lado, identificava – e de forma habilidosa mesmo denunciava – os limites dessa apreensão civilizatória, especialmente no que tange àquelas práticas que faziam uso de animais. No caso do turfe, costumeiramente o utilizou para fazer críticas à sociedade fluminense, para lançar – sem ser panfletário – olhares irônicos para as injustiças e desigualdades sociais.

Essa faceta menos conhecida do “Bruxo do Cosme Velho” ajuda-nos a pensar as peculiaridades da conformação do fenômeno esportivo em terras nacionais; em última instância, as especificidades de nossa formação cultural e societária.

Referências

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *Dom Casmurro* no divã: um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. In: CARVALHO, Luiz

⁵³ GLEDSON. Machado de Assis e Eça de Queiroz: a crítica de 1878 e a internacionalização do romance; ROCHA. *Machado de Assis e Eça de Queiroz*: formas de apropriação.

Fernando (Org.). *O processo de Capitu*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 1-12.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A história contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CONSEQUÊNCIAS do progresso. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 out. 1892, p. 2.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1 nov. 1861, p. 1.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 14 jan. 1894, p. 2.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 15 jul. 1894, p. 1; 3.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 17 mar. 1895, p. 1.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 2 abr. 1893, p. 4.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 29 mar. 1896, p. 3.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 4 nov. 1894, p. 1.

GLEDSON, John. Machado de Assis e Eça de Queiroz: a crítica de 1878 e a internacionalização do romance. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *Eça e Machado*. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2005. p. 111-132.

ILUSTRAÇÃO Brasileira, Rio de Janeiro, 1 jan. 1877, p. 1.

ILUSTRAÇÃO Brasileira, Rio de Janeiro, 15 ago. 1876, p. 3.

ILUSTRAÇÃO Brasileira, Rio de Janeiro, 15 mar. 1877, p. 1.

MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*. [s. n. t.]. Não paginado. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00180a.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

MELO, Victor Andrade de. “Pois temos touros?”: as touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1840-1852). *Análise Social*, Lisboa, v. L, n. 215, p. 382-404, 2015.

MELO, Victor Andrade de. “Temos apaixonados para o mar e para a terra”: representações do esporte nos folhetins (Rio de Janeiro; 1851-1855). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 553-566, out.-dez. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000400005>

MELO, Victor Andrade de. Amador ou profissional? Um debate primordial no campo esportivo. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Org.). *Olhares para a profissionalização do futebol*: análises plurais. Rio de Janeiro: Luminaria Acadêmica, 2015. p. 19-44.

MELO, Victor Andrade de. Antes do *club*: as primeiras experiências esportivas na capital do Império (1825-1851). *Projeto História*, São Paulo, n. 49, p. 1-40, 2014.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva*: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (Org.). *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 35-70.

MELO, Victor Andrade de. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do século XIX (anos 1850-1890). *Revista de História*, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 172, p. 299-334, jan.-jun. 2015.

MELO, Victor Andrade de. Entre a elite e o povo: o *sport* no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857). *Tempo*, Niterói, EDUFF, jul. 2015. No prelo.

MELO, Victor Andrade de. História, literatura e esporte: representações do remo e do turfe nas crônicas brasileiras do século XIX / Décadas iniciais do século XX. In: FREITAS JÚNIOR, Miguel Archanjo; CAPRARO, André Mendes (Org.). *Passé de letra*: crônica esportiva e sociedade brasileira. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012. p. 48-71.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, dez. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000200008>

MELO, Victor Andrade de. Saudável e *fashionable*: a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1878-1892), *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Elsevier, ago. 2016. No prelo.

MELO, Victor Andrade de. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). *História*, Franca, v. 32, n. 2, p. 163-188, dez. 2013.

MEYER, Marlyse. *Folhetim – uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORSE, Richard. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 205-225, 1995.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da História. In: RESENDE, Beatriz. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, CCBB, 1995. p. 15-31.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 11 ago. 1878, p. 1.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 16 jun. 1878, p. 1.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 21 jul. 1878, p. 1.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 4 ago. 1878, p. 2.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 7 jul. 1878, p. 1.

RESENDE, Beatriz. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, CCBB, 1995.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis e Eça de Queiroz: formas de apropriação*. *Floema: Caderno de Teoria e História Literária*, Vitória da Conquista, ano VII, n. 9, p. 119-146, jan.-jun. 2011.

SEMANA Ilustrada, Rio de Janeiro, 1 set. 1872, p. 2.